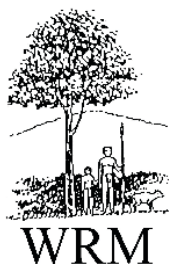


12 RESPOSTAS A

12 MENTIRAS

sobre
plantações
industriais de
árvores





Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais

Av Bolivia 1962 BIS
CP 11500 – Montevideu, Uruguai
Telefone: +598 2605 6943
Email: wrm@wrm.org.uy
www.wrm.org.uy/pt

12 respostas a 12 mentiras sobre plantações industriais de árvores

Diagramação e ilustrações:
Valeria Duarte

Esta publicação também está
disponível em espanhol, inglês e
francês.

Movimento Mundial pelas
Florestas Tropicais (WRM)
Setembro de 2022

Este trabalho foi possível graças
às contribuições de Misereor/
KZE (Alemanha), da Agência
Sueca de Cooperação para o

Desenvolvimento Internacional
(Sida), através da Sociedade
Sueca para a Conservação da
Natureza (SSNC), a organização
suíça HEKS/EPER e a Fundação
Swift, dos Estados Unidos. As
visões expressadas aqui não
refletem necessariamente
as opiniões oficiais dos
colaboradores ou de seus
financiadores.

Índice

Introdução 4

Mentira 1
“As plantações de árvores são
florestas plantadas” 7

Mentira 2
“As plantações de árvores
melhoram o meio ambiente” 10

Mentira 3
“As plantações protegem as
florestas nativas” 14

Mentira 4
“As plantações são
estabelecidas em terras
degradadas” 19

Mentira 5
“As plantações combatem as
mudanças climáticas” 22

Mentira 6
“As plantações são
importantes na *bioeconomia*
ou *economia circular*” 27

Mentira 7
“As plantações contribuem
para o desenvolvimento social
e econômico, por exemplo,
gerando empregos” 31

Mentira 8
“Os conflitos com comunidades
podem ser resolvidos por
meio de *melhores práticas* e
certificação” 35

Mentira 9
“As empresas de plantações de
árvores estão comprometidas
com o empoderamento das
mulheres” 39

Mentira 10
“O mundo precisa seguir
o sucesso do modelo de
plantações do Brasil e do
Uruguai” 43

Mentira 11
“As plantações de árvores são
financeiramente *sustentáveis*”
47

Mentira 12
“As plantações de árvores
beneficiam os pequenos
agricultores” 51

Plantar árvores pode ser muito bom, mas também pode ser muito ruim. Tudo depende de quem está plantando essas árvores, para que elas estão sendo plantadas, a escala e a localização das plantações, e os danos ou benefícios que elas trazem para as comunidades.

As plantações industriais de árvores¹, conhecidas como monoculturas, são usadas para obter madeira, celulose, borracha, carvão e outros produtos. As empresas que são donas dessas plantações se concentram em espécies únicas, de rápido crescimento, como eucalipto, acácia, borracha e pinus. As plantações também são estabelecidas para absorver dióxido de carbono, o que permite que as empresas continuem emitindo gases poluentes. Essas são as chamadas de plantações “de carbono”.

As monoculturas de árvores têm se tornado muito comuns na América Latina, na África e na Ásia, e vêm causando um amplo leque de impactos negativos, como invasão de territórios de comunidades, escassez e

¹ Sempre que falarmos de “plantações” ou “plantações de árvores” neste documento, estaremos nos referindo a plantações industriais de árvores.

contaminação da água, e fragilização da soberania alimentar. As lutas para resistir ao desenvolvimento de plantações industriais de árvores têm se espalhado devido aos graves impactos dessas atividades.

As empresas responsáveis por essas plantações contestam os impactos negativos e costumam desenvolver campanhas de desinformação destinadas a angariar o apoio de governos, conquistar a mídia, convencer os investidores a financiar suas plantações e persuadir os consumidores a comprar seus produtos. Igualmente importante, essas campanhas têm como alvo as próprias comunidades impactadas pelas plantações, e muitas vezes contribuem para intimidar e criminalizar membros das comunidades que lutam contra as plantações, com o objetivo de silenciar qualquer resistência.

Diante disso, em 1999, o WRM divulgou o documento **Dez respostas a dez mentiras**, denunciando as mais frequentes afirmações enganosas feitas por empresas de plantações na época.

As plantações industriais de árvores vêm ganhando força novamente nos últimos anos, com base no argumento equivocado de que podem contribuir para os esforços

de mitigação das mudanças climáticas. As empresas de plantações se beneficiaram de novas fontes de financiamento e políticas que favorecem seus interesses desde que o Acordo de Paris da ONU foi assinado em 2015.

Muitas das mentiras abordadas no documento original *Dez respostas a dez mentiras* continuam sendo usadas, enquanto algumas mudaram e diversas outras surgiram. Agora, o WRM publica **12 respostas a 12 mentiras sobre plantações industriais de árvores**, com base no documento de 1999, escrito por Ricardo Carrere.

Sugerimos que você também leia “*O que há de errado com plantar árvores? Novos incentivos para expandir as plantações industriais de árvores no Sul Global*” (WRM, 2020).

Montevideu,
21 de setembro de 2022 – Dia Internacional de
Luta contra as Monoculturas de Árvores

**Equipe do Secretariado
Internacional do WRM**

MENTIRA

1

“As plantações
de árvores
são florestas
plantadas”



Ao falar sobre suas plantações de árvores, as empresas costumam se referir a elas como “florestas”. Com frequência, elas as chamam de “florestas plantadas”, “florestas de plantações” ou “plantações florestais”.

As empresas usam o termo “floresta” porque a maioria das pessoas está ciente dos graves problemas causados pelo desmatamento. Portanto, “plantar” florestas soa como algo benéfico, mas é uma distorção da questão ambiental.

Plantações industriais de árvores são completamente diferentes de florestas.

Comunidades que habitavam territórios com florestas substituídas por plantações vivenciam em primeira mão o significado disso. Enquanto a floresta é um espaço vivo para essas comunidades, do qual elas fazem parte, onde podem plantar, colher, pescar e praticar cerimônias, uma plantação de árvores é, como disse certa vez o líder indígena tupiniquim Lauro Martins, do Brasil, **“uma floresta morta, que mata tudo”**.

As plantações industriais consistem em apenas um tipo de árvore, na maioria das vezes, de uma espécie exótica como o eucalipto. Todo o resto é eliminado. O objetivo

é produzir o máximo de madeira possível no menor tempo possível. Isso significa que as empresas plantam as árvores, fazem a colheita e iniciam outro ciclo dentro de um período de três a doze anos. A única semelhança entre plantações e florestas é a presença de árvores.

Governos, meios de comunicação, várias grandes ONGs conservacionistas e acadêmicos da área florestal repetem a mentira de que as plantações são “florestas”. Geralmente, estão se referindo à definição de florestas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a agência da ONU responsável pelas florestas e, portanto, um ator influente nessa área. A FAO define uma floresta basicamente como qualquer área coberta de árvores, ou seja, pode ser uma floresta na Amazônia ou qualquer plantação industrial composta por uma única espécie de árvore.

Chamar uma plantação de árvores de “floresta plantada” talvez seja a maior mentira que as empresas de plantações espalharam nas últimas décadas.



“As plantações de árvores melhoram o meio ambiente”

MENTIRA

2

As empresas afirmam que suas plantações industriais de árvores ajudam a proteger e melhorar o meio ambiente, beneficiando o solo, as fontes de água e os espaços habitados por plantas e animais. Tudo isso é verdade com relação às florestas, mas não às plantações. Para estas, é exatamente o contrário.

As plantações industriais de árvores são um ambiente hostil para qualquer outra espécie que não seja a das árvores que estão sendo plantadas, e isso inclui os seres humanos:

- Elas sempre substituem florestas, savanas, áreas úmidas, pastagens ou vegetação agrícola. Quando essas áreas são destruídas, perdem-se também suas funções fundamentais e as conexões entre os seres vivos dentro desses territórios.
- Com frequência, as plantações de árvores secam córregos e poços e reduzem a disponibilidade geral de água na região.
- As plantações de árvores, principalmente as de pinus e eucalipto, aumentam drasticamente o risco de incêndios.

- Os agrotóxicos aplicados causam graves danos às comunidades e à biodiversidade. Os principais produtos utilizados são o herbicida glifosato, que mata as plantas que crescem entre as árvores, e a sulfluramida, um exterminador de formigas. Esses agrotóxicos poluem o solo, a água e o ar, e causam problemas de saúde aos trabalhadores das plantações e às comunidades que vivem no entorno. Neurotoxicidade, câncer e danos aos sistemas respiratório e endócrino estão associados à exposição aos agrotóxicos.
- Ao ocupar terras e poluir o meio ambiente, as plantações têm um forte impacto no fornecimento de alimentos saudáveis que as comunidades cultivam para si próprias e que muitas vezes também abastecem os mercados locais, atingindo uma população muito mais ampla.
- Os animais tendem a deixar essas áreas para procurar comida e um lugar para se reproduzir, pois não há nada para comer em uma monocultura de árvores.
- O uso de maquinário industrial pesado, a construção de estradas para extração de madeira e a destruição, a intervenção ou o bloqueio de córregos e pequenos rios

também contribuem para a degradação ambiental.

- Caminhões que transportam madeira passam dia e noite por vilarejos e territórios de comunidades, pondo as crianças em risco, poluindo o ar e gerando ruídos e transtornos.
- Os guardas muitas vezes impedem que as comunidades entrem nas plantações.

Como resultado, quem mora dentro e perto das plantações enfrenta muitas dificuldades relacionadas ao sustento e à produção agrícola e/ou à criação de gado. Com frequência, essas comunidades se sentem forçadas a ir embora.

As comunidades que conseguem recuperar suas terras, muitas vezes após uma longa luta, conhecem bem os impactos profundos do modelo de monocultura de árvores. Geralmente, é preciso muita paciência e trabalho para recuperar a água, os solos, a diversidade de espécies, a produção de alimentos e as florestas na área morta e estéril que as plantações industriais de árvores deixam como rastro.

“As plantações protegem as florestas nativas”

MENTIRA

3



Ao falar sobre florestas “nativas”, as empresas de plantações querem nos fazer acreditar que existem dois tipos de florestas: as “nativas” e as “não nativas”. Quando mencionam florestas “não nativas”, as empresas estão se referindo a plantações de árvores.

Mas não existem florestas “nativas”. A visão que a maioria das pessoas² tem das florestas não tem nada a ver com as plantações de árvores. As florestas abrigam uma diversidade única de árvores e outras espécies de plantas, animais e insetos. Elas também abrigam muitos povos indígenas e outras comunidades tradicionais ou de pequenos agricultores (veja a resposta à Mentira 1).

As empresas criaram essas duas categorias para sustentar sua afirmação de que as plantações industriais são importantes para proteger as florestas e reduzir a pressão que elas sofrem. Por exemplo, elas argumentam que a madeira não será extraída de uma floresta “nativa”, e sim de uma floresta “não nativa” ou “plantada”.

Na verdade, as plantações de árvores representam uma grande ameaça às florestas:

² Sempre que falarmos de “plantações” ou “plantações de árvores” neste documento, estaremos nos referindo a plantações industriais de árvores.

● **Casos em que áreas de plantação ocuparam zonas florestais não costumam ser considerado desmatamento.**

Muitas empresas dizem estar comprometidas com o “desmatamento zero”, sugerindo que não destroem florestas. No entanto, na prática, elas preservam apenas algumas áreas florestais, aquelas que têm que ser preservadas de qualquer forma segundo a legislação vigente, como as que estão próximas a fontes de água, em encostas íngremes, onde o cultivo é muito caro, e/ou áreas florestais que as próprias empresas próprias identificam como “muito valiosas”. E fazem isso para atender às demandas cada vez maiores dos consumidores e dos bancos que financiam as plantações (veja a Mentira 8).

As empresas também trazem visitantes a essas “áreas protegidas” e os fotografam para seus relatórios anuais. Essas visitas oferecidas a representantes de governos, membros da imprensa, representantes de bancos ou ONGs e outros visitantes reforçam a falsa ideia de que as empresas de plantações são “amigas” das florestas. Isso também significa que as áreas que não forem identificadas como “valiosas” podem simplesmente ser destruídas para a instalação de plantações de árvores. As empresas não levam em consideração o

que os Povos Indígenas e as comunidades florestais que vivem no entorno dessas áreas consideram valioso e importante.

Além disso, os membros das comunidades não são bem-vindos nessas “áreas protegidas”, mesmo que dependam delas para sua subsistência. Se entrarem nessas áreas, correm o risco de serem “caçados” por guardas das empresas, pela polícia ambiental ou por ambos.

Também é importante ressaltar que as empresas de plantações que afirmam estar comprometidas com o “desmatamento zero” continuam desmatando, extraíndo e lucrando. E fazem isso, por exemplo, definindo de acordo com seus critérios o que é a floresta valiosa a ser protegida, enquanto extraem e vendem qualquer espécie que esteja na área que controlam e seja economicamente lucrativa e, posteriormente, desmatam as áreas restantes para ser substituídas por plantações.

● **As plantações podem causar desmatamento indiretamente.**

Quando empresas de plantações compram vastas áreas de pastagens ou outros tipos de plantações de grandes proprietários de terras, estes tendem a adquirir terras mais

baratas em outros lugares, para criar gado ou estabelecer outras plantações. Muitas vezes, essas terras mais baratas são áreas de floresta, savana ou campo e, com frequência, são comunitárias. A expansão das plantações de árvores contribui indiretamente para mais desmatamento, e pode aumentar os conflitos com Povos Indígenas ou outras comunidades. As populações que viviam onde se estabelecem plantações industriais também são desapropriadas. Se quiserem continuar praticando agricultura, elas são forçadas a se mudar para propriedades menores, muitas vezes menos férteis e individuais, com menos ou nenhum acesso a fontes de água. Esses processos costumam atrapalhar a organização coletiva dessas comunidades, que acabam sendo responsabilizadas pelo desmatamento.

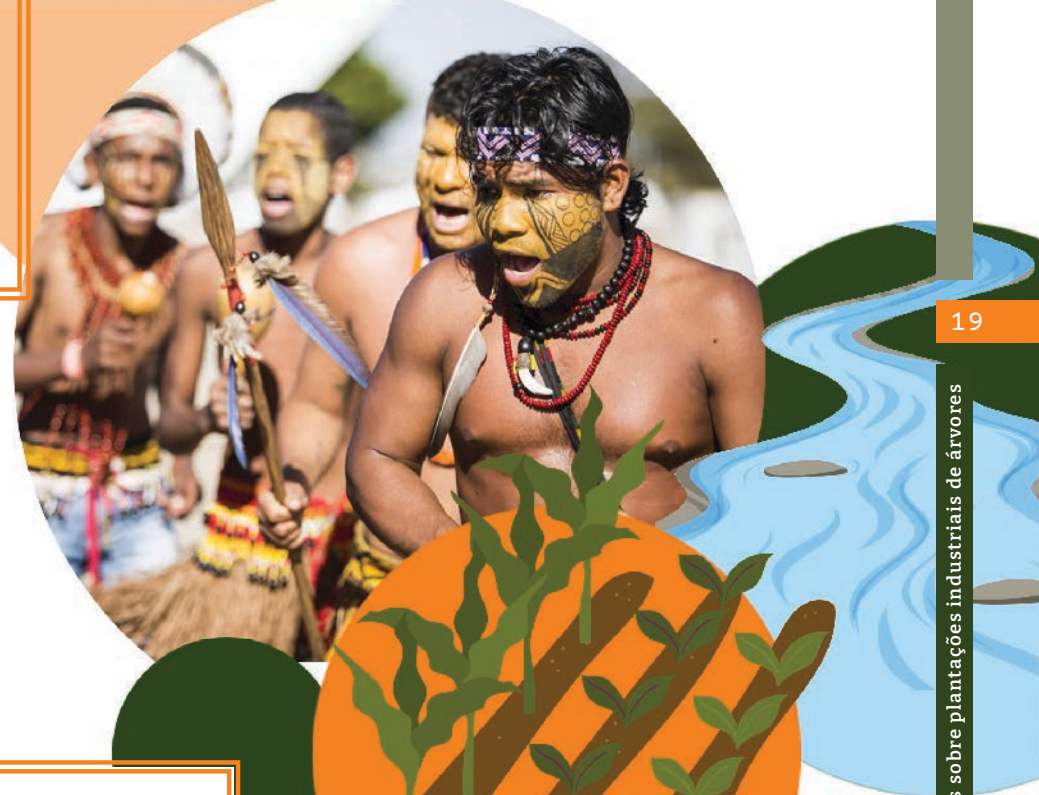
● **As plantações não reduzirão a extração de madeira das florestas.**

A madeira extraída das florestas geralmente tem finalidades e destinos muito diferentes do eucalipto ou do pínus extraídos de uma plantação industrial de árvores. Enquanto o primeiro tipo costuma ser usado para fabricar produtos de madeira caros, o segundo vai principalmente para a produção de celulose e papel descartável.

MENTIRA

4

“As plantações são estabelecidas em terras degradadas”



As plantações industriais são sempre estabelecidas em terras férteis, geralmente planas e agrícolas, com suficiente água da chuva e/ou de rios e lagos que garanta a irrigação necessária, mesmo na estação seca. Se não forem plantadas nessas terras que garantem alta produtividade, as árvores não poderão contribuir com o objetivo principal da empresa: gerar lucros para acionistas e investidores.

Para garantir o acesso a terras férteis, as empresas costumam estudar a fertilidade do solo e as fontes de água, bem como a proximidade de estradas e portos de exportação nas regiões-alvo. Elas também se empenham em garantir sua influência nas decisões dos governos sobre os tipos de atividades produtivas priorizadas em uma determinada região. Isso geralmente é chamado de planejamento do uso do solo ou zoneamento de um país ou região.

Esses processos também permitem que as empresas influenciem a forma como a terra é classificada em termos de uso. As empresas querem garantir que terão acesso a terras “subutilizadas”, ou seja, não totalmente cultivadas, que muitas vezes são terras comunitárias, seja porque as comunidades querem deixar que o solo recupere sua

fertilidade depois de cultivado ou porque pretendem garantir sua disponibilidade para as gerações futuras. Além disso, muitos Povos Indígenas acreditam que seus territórios têm um significado e uso muito mais amplos, além da agricultura. Suas terras abrigam locais sagrados, usados para coleta de alimentos, plantas medicinais ou materiais para fabricação de produtos, caça e pesca, e assim por diante. Para as empresas e a maioria dos governos, no entanto, isso é visto como improdutivo e um sinal de “subutilização” da terra.

O argumento de que estão recuperando “terras degradadas” ajuda as empresas a enganar investidores e consumidores e a conquistar seu apoio. **Também serve para ocultar a violência de um modelo baseado na concentração e na expropriação de terras.**

MENTIRA

5

“As plantações combatem as mudanças climáticas”



As mudanças climáticas estão ficando cada vez piores, inclusive começam a ser chamadas de caos climático devido à ocorrência crescente de eventos extremos, como ondas de calor, inundações e secas, com a destruição e o desespero que geram.

A principal causa do caos climático é bem conhecida: a queima de combustíveis fósseis extraídos do subsolo, principalmente petróleo, carvão e gás. Ao serem queimados, eles são muito poluentes, liberando, entre outros, um gás chamado dióxido de carbono. A solução também é conhecida: manter o petróleo, o carvão e o gás no solo.

Então, por que ouvimos empresas e governos afirmarem que estão salvando o planeta ao plantar árvores?

Embora seja verdade que as árvores absorvem dióxido de carbono, existem diferenças importantes entre o carbono absorvido por elas acima do solo e o que é liberado dos combustíveis fósseis extraídos do subsolo.

O carbono que circula acima do solo, no ar, nos oceanos, na vegetação e na terra costuma ser chamado de **carbono biótico**. Ele pode ser armazenado temporariamente em qualquer um desses locais, incluindo a vegetação, como

as árvores. A partir daí, pode ser facilmente liberado de forma natural, através de incêndios, tempestades ou surtos de insetos, para citar alguns exemplos importantes. A destruição florestal em grande escala cria um desequilíbrio nesse ciclo.

Outra forma em que esse elemento se apresenta é o **carbono fóssil**, armazenado em depósitos subterrâneos ao longo de milhões de anos. Para que sejam transformados em combustíveis para a geração de energia, esses depósitos precisam ser extraídos com maquinário pesado. Quando os combustíveis são queimados, libera-se muito dióxido de carbono de uma só vez, interferindo no clima acima do solo por muito tempo e contribuindo para o excesso de carbono que está afetando o clima. Dito isso, por que as plantações não conseguem compensar as mudanças climáticas?

Em primeiro lugar, ao ser liberado, o carbono derivado de depósitos subterrâneos interfere no clima por muito tempo: séculos, milênios ou mais. Não há como o carbono ser armazenado por tanto tempo em uma plantação de árvores. **Isso faz com que a interferência climática do carbono fóssil não possa ser desfeita com o plantio de árvores.** No máximo, as árvores proporcionam armazenamento

temporário porque a maioria das plantações industriais terá sua colheita após um período relativamente curto.

Em segundo lugar, o carbono que está nos combustíveis fósseis é armazenado de forma tão densa e concentrada que uma quantidade imensa é liberada quando se queima uma tonelada de petróleo, gás ou carvão. As empresas nunca conseguiriam plantar árvores suficientes para absorver todo esse carbono, mesmo que temporariamente.

Então, por que as empresas continuam afirmando que as plantações podem compensar o caos climático, embora isso seja claramente falso?

Para começo de conversa, elas conseguiram vender essa ideia para muitos indivíduos e entidades, incluindo a maioria dos governos e investidores. Ao alegar que o problema está relacionado à quantidade (excessiva) de carbono no ar e que as emissões podem ser **“compensadas”** com a plantação de árvores, elas sugerem a falsa ideia de **“emissão zero”**. As plantações de árvores criadas para esse fim, conhecidas como **“plantações de carbono”**, também são usadas em um mecanismo

conhecido como REDD+ que, desde 2019, vem sendo chamado cada vez mais de “Soluções Baseadas na Natureza” (SBN)³.

As empresas têm insistido nessa falsa alegação porque ela lhes permite continuar desenvolvendo suas indústrias poluidoras e aumentar seus lucros por mais tempo, apesar do caos climático e das enormes tragédias que isso causa.

Por fim, **as empresas de plantações não costumam prestar contas de todas as emissões de carbono que geram**, como as do desmatamento direto e indireto para estabelecer plantações ou a extração e queima dos combustíveis fósseis, necessários para seus fertilizantes, agrotóxicos, máquinas, caminhões, navios e assim por diante.

³ Além do plantio de árvores, no REDD+ e nas SBN argumenta-se, erroneamente, que a poluição pode ser “compensada” pela proteção do carbono em florestas que correm o risco de ser destruídas.

“As plantações são importantes na *bioeconomia* ou *economia circular*”

MENTIRA

6



Para ampliar suas oportunidades de negócios, bem como enfrentar as críticas de que as plantações de árvores são um dos principais fatores que contribuem para as mudanças climáticas, as empresas de plantações da Europa e da América do Norte estão alegando que podem cumprir um papel central na substituição de combustíveis fósseis. Elas afirmam que, ao fazer isso, podem ajudar a construir o que chamam de **“bioeconomia”**, por exemplo, plantando árvores para a geração de eletricidade por meio de **“plantações de biomassa”**. Também se referem a essa economia como **“circular”**, ou seja, uma economia que respeita a vida e a natureza com o reaproveitamento de materiais, por exemplo, transformando resíduos de fábricas de celulose em fertilizantes para a agricultura.

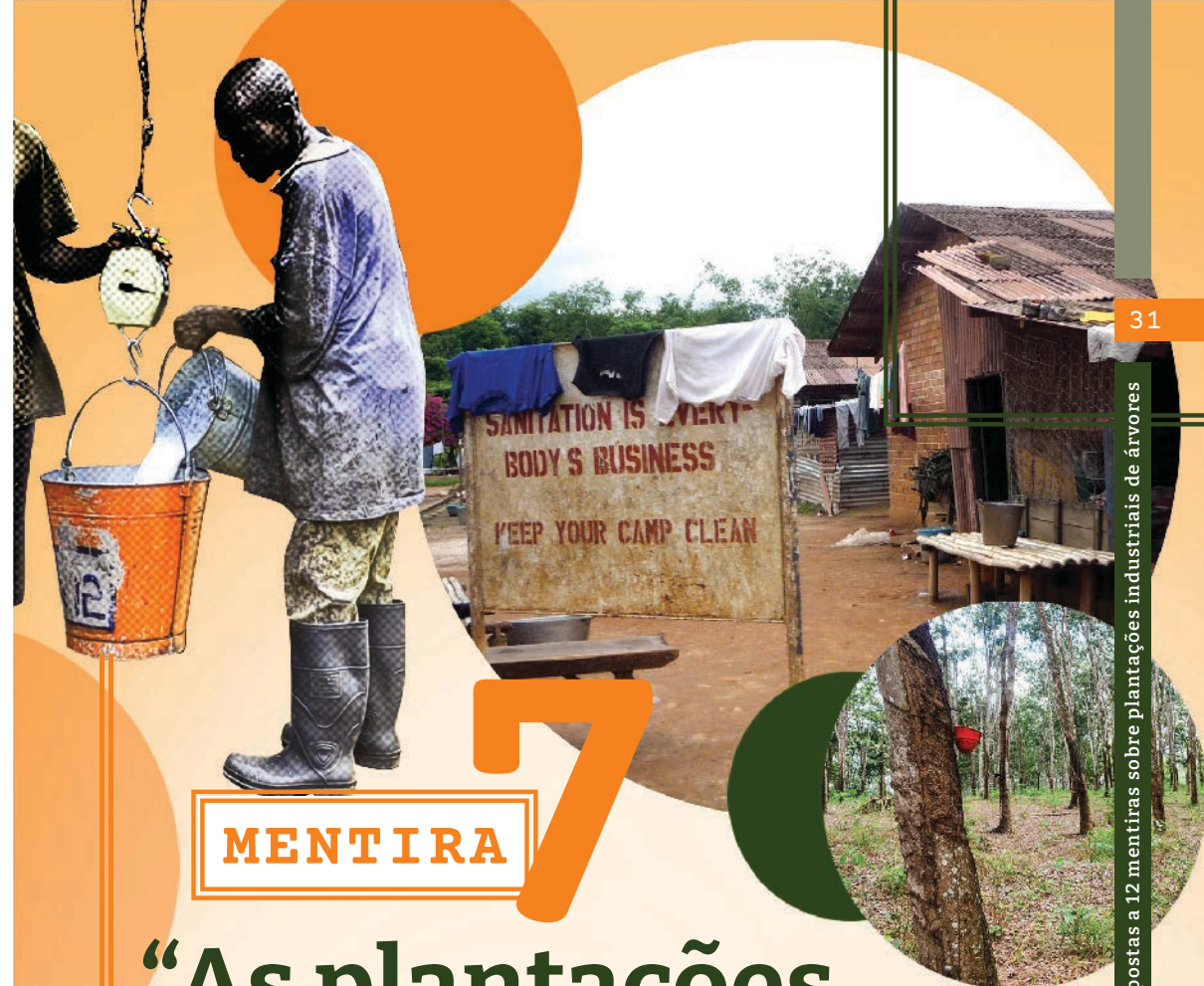
As empresas têm usado esses discursos para convencer governos e instituições financeiras, ONGs, os meios de comunicação e o público em geral de que também podem atender a um amplo leque de outras necessidades, expandindo suas plantações e adotando novas tecnologias. Esses produtos à base de madeira incluem produtos têxteis, plásticos, cosméticos, farmacêuticos, tintas, revestimentos, medicamentos, ração animal, ingredientes alimentícios, fertilizantes, resinas e compósitos.

Mas como as plantações industriais e todos os seus impactos negativos podem ser a base de uma economia que afirma respeitar a vida e a natureza? Colocar em prática o plano das empresas de plantações exigiria plantar eucalipto em países inteiros do Sul Global.

Ideias como essa e a de “plantações de carbono” (veja a Mentira 5) são promovidas principalmente por empresas e países do Norte Global, mas que **visam majoritariamente as terras de comunidades do Sul Global para implementar seus planos**. Isso mostra, em primeiro lugar, como esses planos são abertamente racistas e tendem a perpetuar e até a reforçar desigualdades e formas de opressão históricas, evocando a chegada de potências coloniais no Sul para tomar o que quisessem enquanto exploravam as pessoas e destruíam as comunidades. É desnecessário dizer que esses planos “neocoloniais” levariam, mais uma vez, a enormes conflitos e problemas.

Além disso, a ideia de que os combustíveis à base de madeira possam substituir os combustíveis fósseis também é inviável em função da crescente demanda por estes em todo o mundo. Mas essa não é uma preocupação das empresas que promovem as plantações. Afinal, **seu real interesse quanto se trata de criar novos mercados e oportunidades de negócios**

é **garantir mais lucros** para seus donos e acionistas. Para eles, a mudança climática representa uma oportunidade de gerar mais lucro, e não um problema.



MENTIRA

“As plantações contribuem para o desenvolvimento social e econômico, por exemplo, gerando empregos”

Essa é uma mentira muito importante que as empresas plantadoras usam para conquistar o público, governos, instituições financeiras e comunidades quando chegam para estabelecer as plantações.

Mas a experiência mostra que **as plantações geram menos empregos do que a maioria das outras atividades nas zonas rurais, principalmente a pequena agricultura diversificada**. Isso se deve ao fato de haver pouco trabalho nas plantações de árvores, exceto no início, quando a terra precisa ser preparada para o plantio das mudas de árvores e os agrotóxicos e fertilizantes são aplicados com maior intensidade. Nos anos seguintes, são necessários poucos trabalhadores, ou nenhum, mesmo no momento da colheita, que geralmente é mecanizada.

Além disso, **os poucos empregos nas plantações costumam ser perigosos para os trabalhadores, temporários e mal remunerados**. As empresas sempre estão ávidas por economizar nos custos de mão de obra.

Essas empresas também usam a tática de anunciar orgulhosamente os projetos sociais como importantes contribuições

para o bem-estar das comunidades. Eles podem se apresentar na forma de uma nova escola, um posto de saúde ou um poço, mas o compromisso com esses benefícios costuma se dar em troca do apoio da comunidade aos projetos de plantações. Uma vez plantadas as árvores, as empresas geralmente se esquecem dessas promessas.

Às vezes, quando há uma forte resistência por parte das comunidades, as empresas investem mais em projetos sociais. **A promoção desses projetos tem sido usada como tática para dividir as comunidades**. Romper a resistência é extremamente importante porque as empresas sabem que as comunidades são muito poderosas quando estão unidas.

Quando realmente são construídos escolas ou postos de saúde, surgem outros problemas, como a falta de pessoal ou a necessidade de manutenção. As empresas privadas não são os responsáveis pela educação ou pela saúde. São os governos que oferecem esses serviços públicos a partir dos impostos pagos por pessoas e empresas. Porém, enquanto as pessoas comuns são obrigadas a pagar impostos, as empresas de plantações industriais geralmente não precisam, já que os governos oferecem isenções fiscais e outros incentivos para beneficiá-las.

Além disso, a construção de um posto de saúde ou de uma escola nunca poderá compensar a perda de terras e meios de subsistência das comunidades, que geralmente nem são consultadas para saber se querem as plantações dentro ou perto de seus territórios.

Onde quer que se expandam, as plantações de árvores afetam negativamente as economias locais e empobrecem ainda mais os habitantes. Elas não criam empregos e não abastecem os mercados locais da mesma forma que os cultivos alimentares. Além disso, os municípios localizados em regiões de plantações de árvores costumam receber receitas tributárias muito menores do que obtinham em uma economia baseada na pequena agricultura. Outro fardo é o êxodo rural que ocorre nas regiões de plantações, já que as pessoas perdem seus empregos e seu futuro.

“Os conflitos com comunidades podem ser resolvidos por meio de melhores práticas e certificação”

MENTIRA

8



As empresas de plantações argumentam que os problemas e os conflitos que venham a surgir com as comunidades podem ser resolvidos por meio de “melhores práticas”. Isso não passa de mais uma mentira.

Uma razão fundamental para os conflitos é o modelo de plantações industriais de monocultura.

Trata-se do modo como as árvores são plantadas (sempre em grande escala), das espécies utilizadas (uma única espécie, de rápido crescimento e geralmente exótica, como o eucalipto), das terras que ocupam (sempre férteis) e a quem essas terras pertencem (muitas vezes, a comunidades). É impossível que esse modelo inclua “melhores práticas”.

As empresas de plantações também afirmam que a “**certificação**” é uma solução para quaisquer problemas e conflitos potenciais com as comunidades. O esquema de certificação mais conhecido para plantações de árvores é o Conselho de Manejo Florestal (FSC, na sigla em inglês). O FSC concede um selo a empresas que demonstrarem estar fazendo um “manejo sustentável” de suas plantações.

A investidores e consumidores, o selo FSC é promovido como uma garantia de que

as plantações são manejadas de forma a beneficiar as economias locais, que os trabalhadores são bem tratados e que essas operações não são prejudiciais ao meio ambiente.

As empresas de plantações contratam outras entidades para que realizem “auditorias de certificação” visando obter o selo FSC. A auditoria verifica se as operações de plantio cumprem os princípios e critérios sociais, ambientais e econômicos do FSC.

Até agora, o selo FSC tem sido um êxito para as empresas. Em muitos casos, elas o receberam mesmo que os documentos mostrassem que seus títulos de propriedade eram ilegais ou que elas estavam envolvidas em conflitos com comunidades locais. O FSC geralmente ignora as reivindicações históricas de terras, principalmente de comunidades tradicionais e de pequenos agricultores. Foram raros os casos em que o FSC decidiu negar ou cancelar a certificação de uma empresa.

Grande parte das maiores empresas de plantações do mundo tem um longo histórico de conflitos com comunidades, mas, mesmo assim, é certificada pelo FSC.

É importante acrescentar que o FSC não é a única artimanha usada para certificar plantações industriais de árvores. A indústria criou várias outras em níveis nacional e internacional. Por exemplo, o propósito do programa VCS/VERRA é certificar “plantações de carbono” (veja a Mentira 5), enquanto o padrão CCB está relacionado a supostos benefícios que essas “plantações de carbono” gerariam para as comunidades e a biodiversidade.



MENTIRA

9

“As empresas de plantações de árvores estão comprometidas com o empoderamento das mulheres”

12 respostas a 12 mentiras sobre plantações industriais de árvores

A resistência mais aguerrida às plantações costuma vir das mulheres, pois as plantações destroem a terra da qual elas dependem para seu sustento cotidiano. As empresas de plantações eliminam e/ou cercam os espaços onde as comunidades vivem, incluindo a vegetação, o solo e as fontes de água. Todos esses elementos são fundamentais para que as mulheres preservem seus saberes e suas práticas tradicionais, como agricultura e medicina.

Suas vozes, no entanto, dificilmente são ouvidas. Em quase todas as culturas do mundo, prevalece o patriarcado, ou seja, a dominação dos homens sobre as mulheres, relegando-as ao âmbito doméstico.

Ao entrar em uma comunidade para garantir apoio a suas plantações, as empresas tendem a reforçar ainda mais as estruturas patriarcais. Por exemplo, quando uma empresa quer aprovação para usar parte da terra da comunidade para plantações de árvores, essas **decisões geralmente são dominadas por homens**. As mulheres nem costumam ser convidadas para as reuniões e, se participam, geralmente não têm voz no processo de decisão, apesar de as plantações de árvores terem impactos negativos mais graves sobre as mulheres do que sobre os homens.

Onde quer que as mulheres se levantem, as empresas têm usado estratégias para romper essa resistência, intimidando-as e as criminalizando. As empresas geralmente optam por ignorar o fato de que suas **plantações levam ao aumento da violência sexual e do assédio às mulheres**, um dos impactos mais silenciados e, ainda assim, perversos, do modelo de plantações.

Uma estratégia que as empresas de plantações estão usando para romper a resistência e cooptar a oposição liderada por mulheres é a formulação de “políticas de gênero”. Por exemplo, várias empresas do setor de celulose e papel aderiram aos Princípios de Empoderamento das Mulheres, uma iniciativa da ONU cujo objetivo é empoderar as mulheres “no local de trabalho, no mercado e na comunidade”.

As empresas que aderiram a esses princípios argumentam que agora estão oferecendo cada vez mais oportunidades iguais às mulheres no local de trabalho, incluindo funções que eram dominadas por homens, como operadores de máquinas.

No entanto, é muito mais comum as empresas aproveitarem a contratação de uma quantidade maior de mulheres do que homens

para **tarefas perigosas e mal remuneradas** se acreditarem que as mulheres as cumprem com mais eficiência. Entre os exemplos está o trabalho muito preciso e minucioso realizado em viveiros de mudas e a aplicação de agrotóxicos. Ambas as atividades expõem as mulheres a graves riscos à saúde devido a movimentos repetitivos ou ao manuseio diário de produtos químicos.

Enquanto diretores de empresas (geralmente homens) dizem estar empoderando as mulheres, as trabalhadoras adquirem doenças crônicas e as desigualdades de poder persistem entre homens e mulheres. Essas mulheres também têm que enfrentar uma dupla jornada, vendendo sua força de trabalho para a empresa e continuando a realizar suas tarefas cotidianas em casa.

Além disso, as mesmas atividades das empresas de plantações continuam promovendo e consolidando modelos fundamentalmente opressivos, patriarcais e excludentes de relação com a natureza.



Os promotores de plantações na África – o continente mais promissor para quem investe nesse modelo – se referem ao Uruguai e ao Brasil, na América do Sul, como histórias de sucesso na plantação de árvores.

Eles têm razão, se a ideia de sucesso for baseada na riqueza dos donos das empresas. A principal proprietária da maior empresa brasileira de plantações é uma das famílias mais ricas do país. No entanto, **as plantações de árvores têm um histórico marcado por conflitos de terra, violência, despejos, empobrecimento, racismo, discriminação** contra indígenas, pequenos agricultores e quilombolas, bem como membros de outras comunidades tradicionais.

O Brasil é conhecido por ter as mais avançadas técnicas de plantio de árvores e o maior índice de produtividade, baseado em décadas de pesquisas realizadas por empresas e universidades. Uma das técnicas mais recentes é a **modificação genética para obter árvores transgênicas, também conhecidas como geneticamente modificadas (GM)**.

O uso de árvores transgênicas é fortemente impulsionado pelos interesses das grandes empresas de papel e celulose em aumentar

a produtividade do eucalipto e, assim, seus lucros. Mas a técnica de modificação genética é complexa e arriscada, envolvendo a inserção de material genético de uma espécie diferente em uma árvore de eucalipto. Esse gene ou genes de outras espécies tem determinadas características desejáveis que o eucalipto não possui, como crescimento rápido ou tolerância ao glifosato, um herbicida tóxico. Ao aprovar o eucalipto transgênico, o governo brasileiro ignorou o risco de essas árvores contaminarem outras e a ausência de estudos de longo prazo sobre esses riscos.

As empresas prometem que as árvores transgênicas aumentarão a produtividade, garantindo que as plantações usem menos terra. No entanto, maior produtividade não leva necessariamente a menos plantações. No Brasil, por exemplo, o aumento da produtividade das plantações sempre foi impulsionado pelo uso de técnicas convencionais, muito antes da chegada das árvores transgênicas. Além disso, esse aumento nunca levou a uma redução da área de plantio, muito pelo contrário.

O Uruguai é um dos menores países da América do Sul. A indústria de celulose é uma das principais impulsionadoras da expansão das plantações de árvores, a exemplo do que

acontece no Brasil. **As plantações podem se expandir com relativa facilidade no Uruguai devido a um grande êxodo rural.** Atualmente, apenas 5% da população vive no campo. A terra que eles abandonaram pode ser apropriada facilmente porque é propriedade privada. Além disso, essas terras são campos, e não florestas, exigindo investimentos relativamente baixos para serem transformadas em plantações.

Atualmente, cerca de 1,2 milhão de hectares de terras no Uruguai estão ocupados por plantações de árvores que pertencem ou são controladas por algumas poucas empresas multinacionais que se beneficiaram de subsídios diretos e indiretos e de isenções fiscais, incluindo a criação de zonas de livre comércio. Todos esses incentivos são financiados pelo povo uruguaio, que pouco se beneficiou com as plantações.

“As plantações de árvores são financeiramente sustentáveis”

MENTIRA

11



Não é verdade que as plantações de árvores sejam “sustentáveis”. A principal razão pela qual elas são lucrativas para donos e acionistas das empresas é que bancos e instituições públicas e privadas concedem generosos subsídios e incentivos financeiros a essas empresas.

Há muitos outros benefícios, como obter terras por pouco ou nenhum custo, por meio de concessões de terras, ou pagar menos ou nenhum imposto.

Esse amplo leque de subsídios financeiros garante que os donos das empresas fiquem ricos, mesmo que endividados. Na verdade, **a maioria das grandes empresas de plantações tem muitas dívidas**, o que dificulta encontrar novas fontes de financiamento para expandir suas plantações.

Um recurso que essas empresas endividadas usam para obter novos financiamentos é transformar parte de sua dívida em títulos. Essa opção só costuma estar disponível para empresas, não para pessoas comuns. Um título nada mais é do que um documento que vale uma certa quantia em dívida, e a empresa pode vendê-lo para obter mais financiamento. O negócio é atrativo para os compradores porque a empresa devolverá o dinheiro investido após

um número de anos acordado, além de um valor adicional – a taxa de juros.

“**Título verde**” é apenas um nome novo usado por empresas de plantações para se referir aos mesmos títulos de antes. Elas os chamam de “verdes” porque afirmam que seu negócio é “verde”. Por exemplo, elas dizem que suas atividades contribuem muito para reduzir o caos climático e conservar o meio ambiente. Isso tem recebido um destaque maior desde a assinatura do acordo climático de Paris, da ONU, em 2015, pois aponta para o importante papel cumprido pelas árvores na mitigação do caos climático. As empresas de plantações cada vez mais tentam se posicionar como protetoras das florestas. Quanto mais floresta elas “protegerem” e quanto mais árvores plantarem, mais lucros esperam gerar. (Veja, também, a Mentira 5).

O dinheiro que as empresas ganham com a venda de seus títulos “verdes” as ajuda a continuar desenvolvendo plantações e causando mais problemas para as comunidades e os espaços de vida destinados a novas plantações. Outro benefício para as empresas é que elas reduzem sua dívida transformando parte dela em títulos, enquanto procuram vender mais, simplesmente chamando-os de “verdes”.

Menos dívida significa uma chance maior de obter mais financiamento de outras fontes, como **investidores interessados em comprar terras**, que costumam ser consideradas um investimento seguro. É por isso que as empresas de plantações podem facilmente encontrar investidores interessados em ser donos dessas terras. O proprietário da plantação a arrenda por um certo período, o que resulta, mais uma vez, em novas fontes de financiamento.

Os problemas permanecem exatamente os mesmos para as comunidades que vivem dentro e perto das plantações. A empresa pode usar dinheiro novo para direcionar cada vez mais terras comunitárias à expansão das plantações.

MENTIRA

12

“As
plantações
de árvores
beneficiam
os pequenos
agricultores”



Devido à ampla resistência das comunidades contra as grandes plantações de árvores em todo o mundo, as empresas começaram a usar diferentes estratégias para se expandir. Uma estratégia fundamental usada por elas é a dos esquemas de “**pequenos proprietários**” ou “**agricultores integrados**”, em que os pequenos agricultores assinam um contrato com uma empresa para plantar árvores em suas terras.

As empresas prometem aos agricultores que eles receberão uma boa renda e poderão continuar plantando alimentos ou criando gado como sempre fizeram. Elas podem oferecer empréstimos e outros benefícios. Em Moçambique, por exemplo, foram oferecidos painéis solares aos agricultores que assinassem um contrato com a empresa de plantações.

Na realidade, a maior parte dos benefícios fica com a empresa, enquanto a maioria dos riscos e custos é problema dos agricultores.

Embora empresas e governos afirmem que isso melhorará os meios de subsistência e a renda dos agricultores, acontece o oposto.

Em uma dessas experiências de agricultura integrada em Moçambique, quando o eucalipto

começou a crescer, as mulheres responsáveis pelo cultivo de alimentos descobriram que poucas coisas conseguem crescer entre as árvores. Elas também descobriram que o eucalipto fazia o solo secar, dificultando muito o cultivo de qualquer outra coisa.

Com a agricultura integrada, **os agricultores tendem a perder sua autonomia**, colocando seu destino e seu futuro nas mãos das empresas de plantações, o que compromete a soberania alimentar e coloca as famílias em risco de perder suas terras ⁴.

⁴ Mais informações sobre os riscos da agricultura integrada podem ser encontradas na publicação “Nove razões para dizer não aos contratos com o agronegócio do dendê” (2021). Veja www.wrm.org.uy/pt/publicacoes/nove-razoes-para-dizer-nao-aos-contratos-com-o-agronegocio-do-dende